

Figura 03. Pedro Casqueiro,
Tone Test (I/VII), 2022.
 Acrílico sobre a tela, 70 x 50 cm.
 Foto: Flávio Rocha de Deus



A LIBERDADE DO ARTISTA EM PEDRO CASQUEIRO: SOBRE A EXPOSIÇÃO “DETOUR” [2025] NO MAAT/LISBOA

FLÁVIO ROCHA DE DEUS – ABCA/BAHIA

RESUMO: O texto analisa a exposição “Detour”, dedicada à obra do pintor português Pedro Casqueiro, apresentada no MAAT: Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, em Lisboa. A partir da mostra, o ensaio discute o dilema entre consagração estilística e liberdade criativa, refletindo sobre como o reconhecimento de uma linguagem pode transformar-se em expectativa de repetição. O texto argumenta que a trajetória de Casqueiro revela uma prática marcada pelo desvio, pela experimentação e pela reinvenção contínua do próprio estilo.

PALAVRAS-CHAVE: Pedro Casqueiro; pintura contemporânea; liberdade artística; estilo e experimentação.

ABSTRACT: The text analyzes the exhibition “Detour”, dedicated to the work of the Portuguese painter Pedro Casqueiro, presented at the MAAT: Museum of Art, Architecture and Technology in Lisbon. From the exhibition, the essay discusses the dilemma between stylistic consecration and creative freedom, reflecting on how the recognition of a visual language can turn into an expectation of repetition. It argues that Casqueiro’s trajectory reveals a practice marked by deviation, experimentation, and the continuous reinvention of his own style.

KEYWORDS: Pedro Casqueiro; contemporary painting; artistic freedom; style and experimentation.

Nos últimos anos, em que tenho me dedicado mais sistematicamente à crítica da arte, tenho percebido que há uma arapuca que costuma flertar com os artistas no momento em que a sua linguagem se torna reconhecível. Quando olhamos uma obra e imediatamente pensamos “é dele”, quando a assinatura do artista já não depende da assinatura na obra, ao mesmo tempo em que o ápice da autoria artística é alcançada, uma sutil prisão pode estar sendo erigida.

O estilo consagrado no *campo* pode converter-se em expectativa, e a expectativa converter-se em exigência de estilo como pedágio para permanência, em que o artista seja afavelmente convidado a repetir sistematicamente o gesto que o consagrou, que não traia a assinatura que o tornou identificável, que permaneça fiel à imagem que o circuito decidiu amar. Assim, a massa do público, a massa da crítica e a ordinariedade do mercado aprendem a desejar precisamente aquilo que já foi feito e, dessa forma, consolida-se ao redor da consagração do trabalho

do artista um curioso fetichismo da repetição: ama-se o experimento passado, mas teme-se o experimento futuro. A experimentação que foi celebrada transforma-se em fórmula, e o artista, em guardião involuntário da sua própria invenção.

Esse tipo de observação é inescusável ao nosso tempo. Seja para a crítica, que precisa atentar-

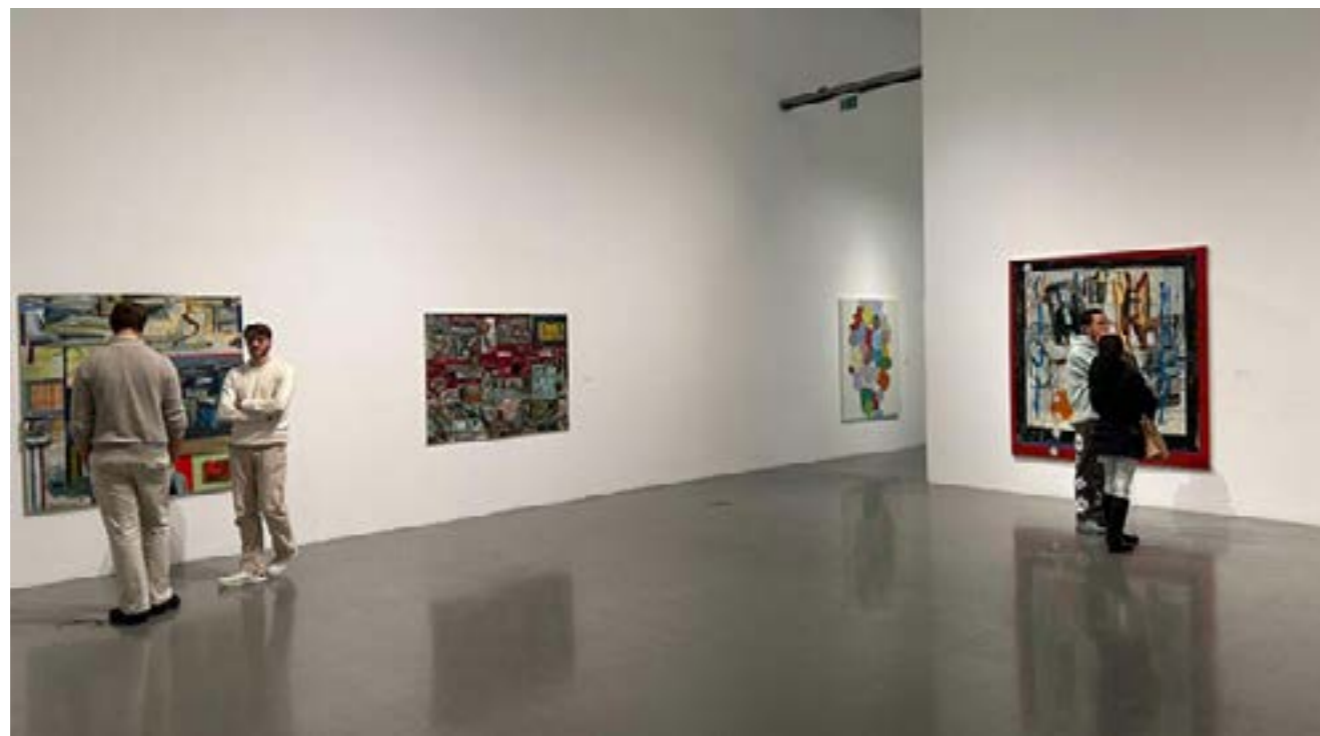


Figura 01. “*Detour*”, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT/Lisboa), 2025. Foto: Flávio Rocha de Deus

se à sua zona de conforto, seja para o artista, que precisa pagar suas contas e satisfazer seus desejos criativos. Neste ínterim, “*Detour*” (12/11/2025-06/04/2026), exposição individual de Pedro Casqueiro, sob curadoria de João Pinharanda, no Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), em Lisboa, me atravessou como o lugar de reflexão desse mote.

Não é incomum ao crítico, ao ensaísta ou ao filósofo instrumentalizar as criações alheias para discursar sobre os recortes que anteriormente já o provocam. Ao menos, não para mim. Mas, de fato, a mim, “*Detour*” se mostrou como um ensaio visual cujos temas inevitáveis são a experimentação e a reinvenção.

A exposição apresentada no MAAT percorre mais de quatro décadas de trabalho do artista português, reunindo obras realizadas entre 1984 e 2025. Ao percorrer esse arco temporal, o visitante percebe que Casqueiro jamais permaneceu imóvel dentro de uma mesma zona pictórica. Desde os primeiros trabalhos, associados ao chamado regresso à pintura dos anos 1980, sua produção se caracteriza por uma energia formal marcada por texturas intensas e por uma subjetividade radical que prefere a instabilidade à narrativa.

De igual forma, o que inicialmente se manifestava como seu estilo - espessura da tinta, turbulência cromática, superfícies densas - também desloca-se para regimes mais

frios e gráficos, onde surgem figuras humanas, animais, fragmentos textuais, citações culturais e uso de signos da cultura pop. Esse deslocamento é particularmente interessante porque ele não dissolve a identidade do artista. Talvez por não se tratar de uma ruptura abrupta, mas de uma deriva contínua, na qual o que acompanhamos não é a evolução de um estilo, mas as múltiplas experimentações de modos de organizar uma imagem. A lógica do artista não é a repetição, mas o desvio. Não por acaso, a própria exposição recebe o título *Detour*, palavra que sugere caminho indireto, percurso que se afasta do trajeto esperado.

Esse gesto aparece de múltiplas maneiras na exposição. Em algumas telas, a pintura dialoga com a cultura gráfica da banda desenhada; em outras, incorpora letras e palavras que funcionam simultaneamente como linguagem e forma visual. Há ainda momentos de citação mais explícita, como na obra *Detour* (2013), que referencia uma gravura de Katsushika Hokusai, absorvida e transformada dentro do sistema pictórico do



Figura 02. Pedro Casqueiro, *Detour*, 2013. Acrílico sobre a tela, 144 x 79 cm. Foto: Bruno Lopes

artista, e na série *Tone Teste* (2022), em que Casqueiro se apropria do estilo cartunesco fazendo da parede de exposição uma página de quadrinhos. No geral, nesses casos, o que interessa, porém, não é a citação em si, mas a maneira como ela é deformada, deslocada e reinserida em um novo contexto visual.

Assim, a pintura de Casqueiro funciona como uma máquina de

recombinar mundos. Elementos da alta cultura e da cultura de massas aparecem sem hierarquia rígida. Referências eruditas convivem com signos urbanos e gráficos populares. Tudo é absorvido, transformado e devolvido sob a forma de imagens que parecem familiares e estranhas ao mesmo tempo.

Há, contudo, um ponto que me parece importante assinalar. Ao percorrer a exposição, não encontrei na pintura

de Pedro Casqueiro aquilo que frequentemente se busca como critério primário de grandeza artística: uma inovação técnica radical, uma apropriação inovadora dos conteúdos representados ou uma invenção formal que reconfigure de maneira decisiva os limites da pintura. Tampouco me parece que a força de seu trabalho resida na afirmação de uma solução pictórica singular que se imponha



Figura 03. Pedro Casqueiro, *Tone Test (I/VII)*, 2022. Acrílico sobre a tela, 70 x 50 cm. Foto: Flávio Rocha de Deus

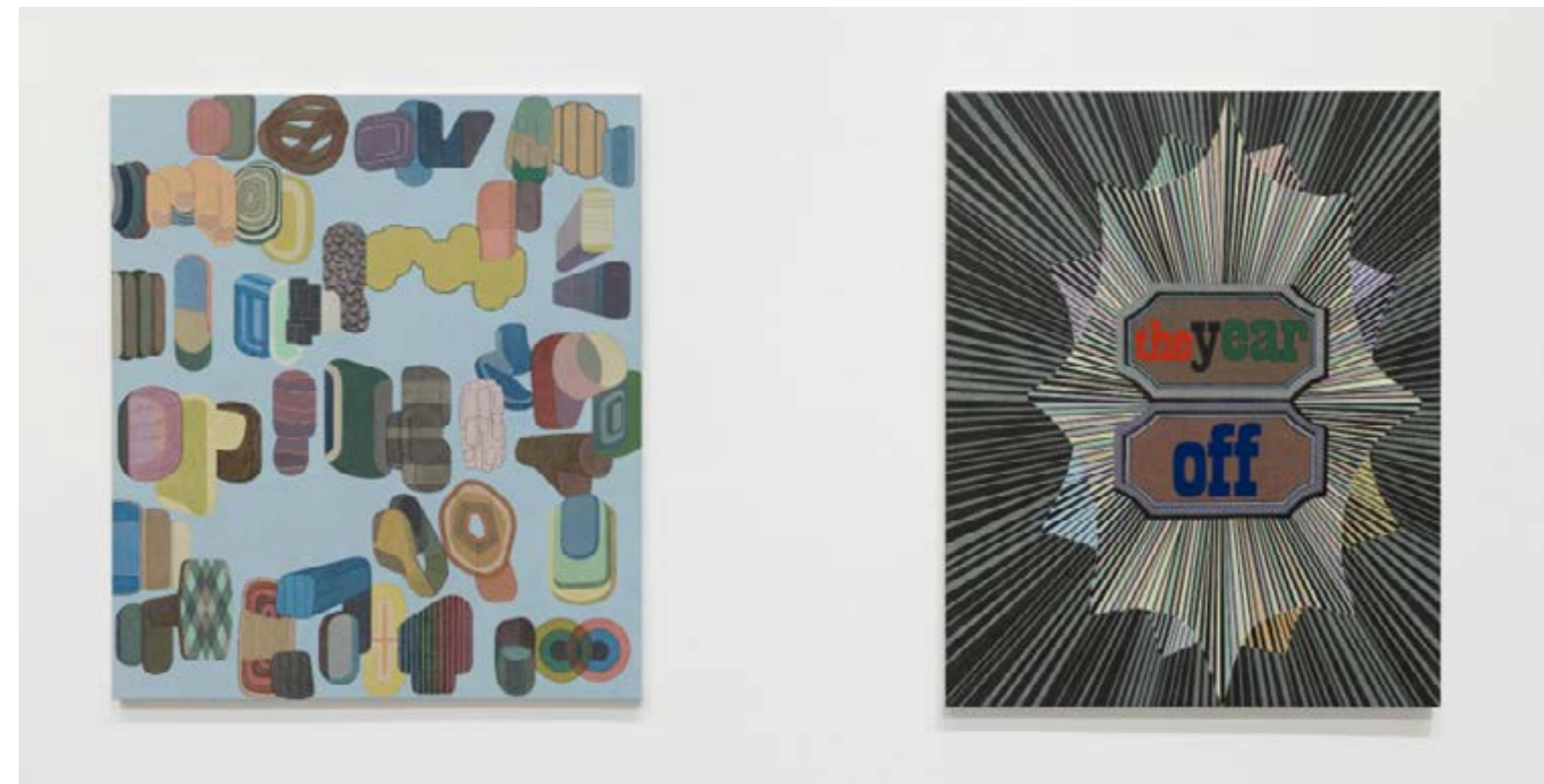


Figura 04. *“Detour”*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT/Lisboa), 2025. Foto: Bruno Lopes

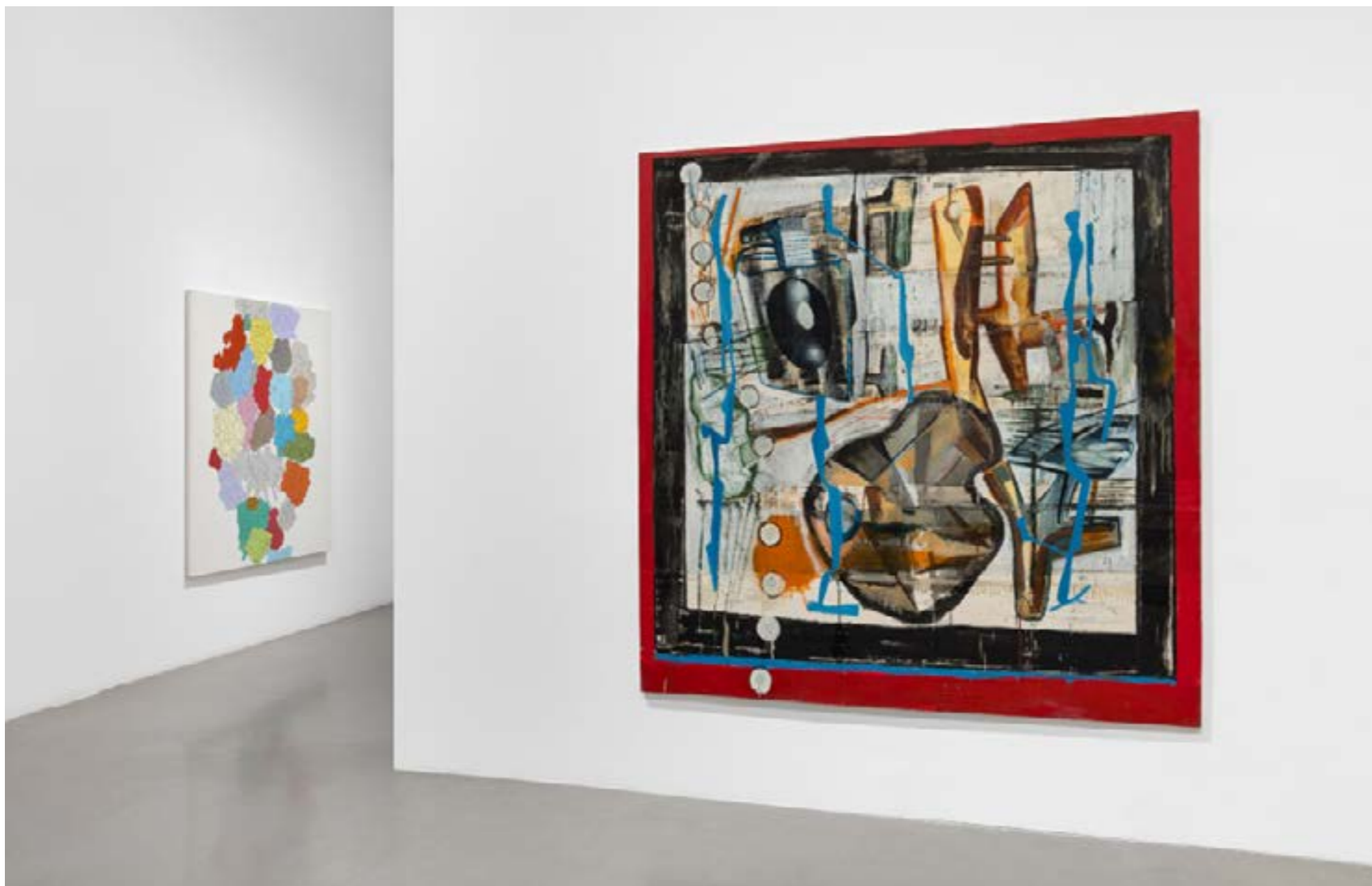


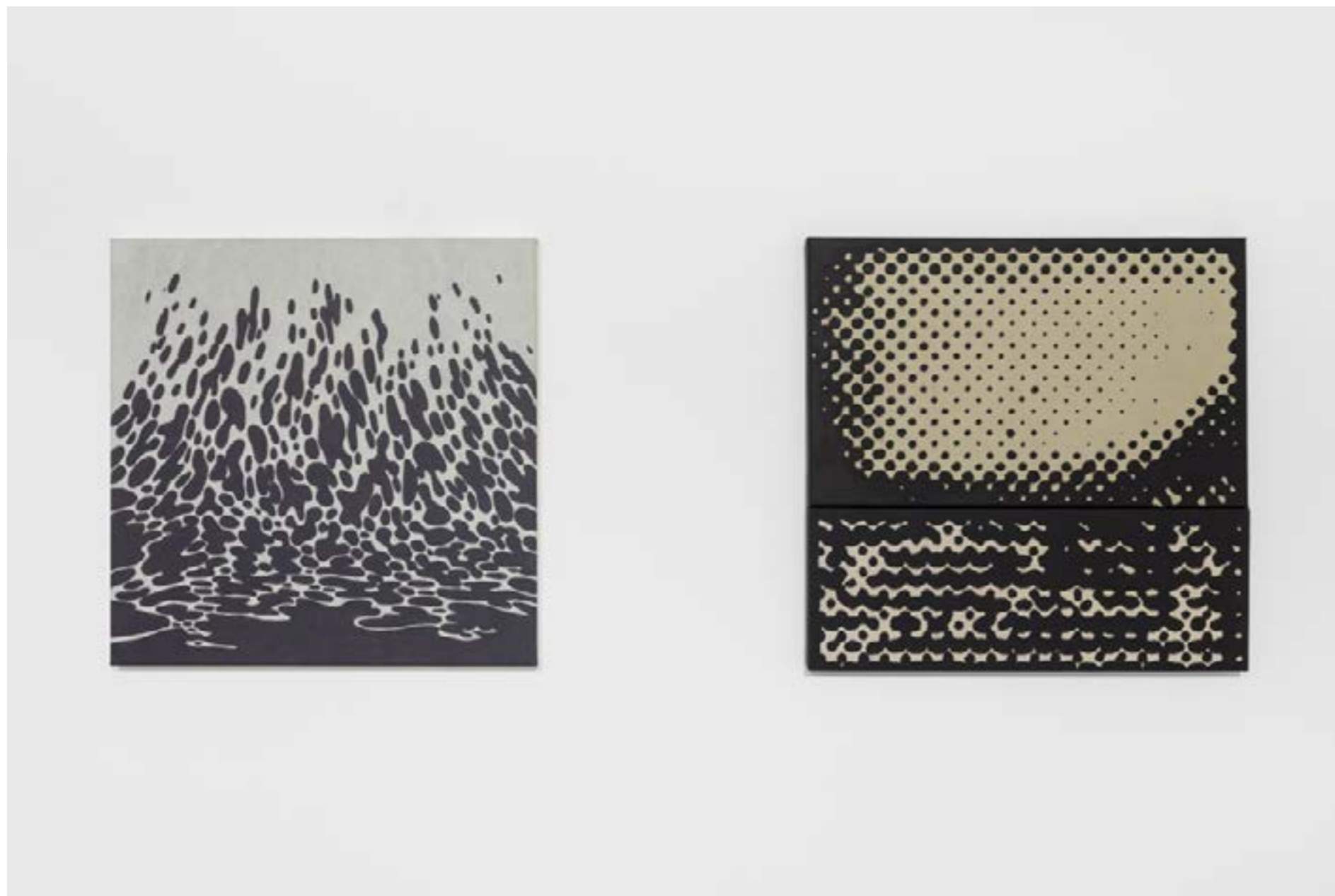
Figura 05. “*Detour*”, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT/Lisboa), 2025. Foto: Bruno Lopes

como paradigma. Mas talvez essa não seja a medida mais adequada para compreender o que está em jogo no conjunto de sua obra.

O percurso que a exposição curada por Pinharanda apresenta é o testemunho de uma liberdade conquistada a cada passo. Do desaparecimento da textura densa ao surgimento de uma “provocadora vocação gráfica e figurativa”, tudo isso poderia ter sido lido, por um olhar menos atento, como traição ou risco desnecessário. É onde meu olhar ganha morada no percurso de Casqueiro. O artista não se limitou a sobreviver ao seu estilo; ele reinventou-o sucessivamente, mantendo viva a inquietação que verdadeiramente define o seu trabalho. Como o curador assinala, há uma continuidade mais profunda no conjunto de sua obra: a da “atitude e do motor da sua criatividade”, um “controlo” que lida sem constrangimentos com todos os elementos do discurso pictórico contemporâneo, permitindo-lhe escapar à prisão da repetição de si.



Figuras 06: “*Detour*”, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT/Lisboa), 2025. Foto: Bruno Lopes



Figuras 07: "Detour", Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT/Lisboa), 2025. Foto: Bruno Lopes



Figuras 08: "Detour", Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT/Lisboa), 2025. Foto: Bruno Lopes

FLÁVIO ROCHA DE DEUS

Filósofo, professor e crítico de arte. Mestre em Filosofia Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia e doutorando em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Ouro Preto. Integra a Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), a Associação Brasileira de Estética (ABRE), a Seção Latino-americana da Sociétés des Études Camusiennes (SLEAC) e o Grupo de Pesquisa Saber, Certeza e Prática (UNEB/CNPq).